

Resgatados!

Em Busca da Santidade — Parte 4

1 Pedro 1.18–21

Introdução

No início dos anos de 1900, Al Capone chefiou um dos maiores sindicatos criminosos na metrópole de Chicago, Estados Unidos. Ele controlava tudo, desde bebidas alcóolicas a prostituição e tráfico de cocaína. Por fim, ele passaria onze anos na prisão. Sua sentença, porém, não foi por causa dos mais de trinta assassinatos que comandou e dos quais não conseguiram prová-lo como culpado. Sua condenação foi por causa de sonegação fiscal. Após os onze anos na cadeia, ele foi solto. A essa altura, já estava com uma saúde debilitada, sofrendo principalmente de demência causada por um caso avançado de sífilis. Ele morreu pouco tempo depois, aos 48 anos de idade.

Uma história menos conhecida sobre o reino de terror de Al Capone envolve um advogado que trabalhou para ele. Seu nome era Edgar. Sua habilidade sem igual para fazer manobras não só ajudou Al Capone a organizar e administrar seus negócios clandestinos, como também manteve Al Capone fora da prisão por muitos anos. Apesar de Edgar e sua família ficarem muitíssimo ricos, vindo ele a ser dono de um quarteirão inteiro na cidade, aquilo que mais lhe importava ele não conseguiu realizar: passar para o seu filho um bom nome.

Eu li muitos relatórios contraditórios sobre o que realmente levou Edgar a estarrecer o mundo em 1931, mas uma coisa está clara: além de limpar seu nome e se desassociar do criminoso Al Capone, ele abriu caminho para um nome para sua família e seu filho. Com a sua ajuda, as autoridades conseguiram levar Al Capone à justiça. Quando testemunhou contra ele, Edgar sabia que pagaria um preço alto. De fato, dez anos depois quando Al Capone estava preso, Edgar foi pego numa armadilha e morto pela quadrilha de Al Capone.

Dez anos depois, o mundo passava por um terrível momento — a Segunda Guerra Mundial. Um piloto de avião de caça servia na Marinha. Seu nome era Butch O'Hare. Em uma missão em particular, sua esquadrilha foi enviada a uma missão, mas depois que decolaram, Butch percebeu que seu avião não havia sido reabastecido; ele não teria combustível suficiente para executar a missão no céu do Oceano Pacífico e depois retornar para o porta-aviões. Seu líder mandou que ele voltasse imediatamente. Ele deu a volta e, enquanto retornava para o porta-aviões, ele se deparou com uma esquadrilha inimiga de bombardeiros que voava em direção à sua esquadra no oceano. Já que todos os demais pilotos americanos haviam partido, a esquadra estava sem defesa. Não havia outra coisa a fazer, a não ser atacar.

Butch O'Hare voou diretamente para o meio desses bombardeiros japoneses e as metralhadoras nas asas de seu avião mandaram bala. Enquanto Butch voava de um lado para outro tentando derrubar o maior número possível de aviões inimigos, os japoneses se frustraram e abortaram o ataque. Mesmo depois de suas balas terem acabado, ele continuou voando próximo aos aviões, na tentativa de quebrar asas e caudas. Por fim, os aviões inimigos foram embora.

Quando Butch pousou, o filme gravado pela câmera presa a uma das asas revelou a lenda histórica. Dentro de poucos dias, Butch se tornou o primeiro piloto condecorado da Segunda Guerra Mundial e o primeiro aviador naval a receber a Medalha de Honra do Congresso americano. Um ano depois, seu avião foi atingido numa missão noturna e nunca foi encontrado. Butcher tinha apenas 29 anos de idade.

Sua cidade-natal, todavia, não deixaria que a memória de seu filho predileto caísse no esquecimento. Por isso, a cidade de Chicago mudou o nome do seu aeroporto para Aeroporto Internacional O'Hare em honra ao jovem.

O que Edgar O'Hare e Butch O'Hare têm a ver um com o outro? Butch, filho de Edgar, recebeu um nome limpo e uma chance de servir seu país com honra. Butch não pilotou seu avião de caça com bravura a fim de herdar o bom nome de seu pai, mas porque seu pai lhe havia repassado um nome cuja honra lhe custou altíssimo preço.

Agora, não quero fazer uma analogia detalhada entre Edgar O'Hare e o Senhor, apesar de você já saber em que direção estou indo. O Senhor não tinha um passado criminoso, nem um nome de família manchado que precisava ser limpadado. O Senhor não precisava fazer algumas coisas boas a fim de compensar por atos perversos que realizara. No entanto, ele fez, sim, um sacrifício a fim de dar

a mim e a você a oportunidade de servi-lo com honra e fervor santo.

Quanto mais consideramos, refletimos e contemplamos o que Jesus Cristo sacrificou a fim de purificar nosso nome, mais fervorosos seremos em nosso amor e serviço a ele.

Essa é precisamente a lição que Pedro está prestes a ensinar. Ele nos fornecerá quatro formas de olhar para Jesus—quatro maneiras convincentes que gerarão em nós um maior desejo de amá-lo, andar com ele e lhe agradecer pelo presente caríssimo que adquiriu para nós.

Antes de destacar a primeira maneira de olhar para Cristo, quero rapidamente destacar como Pedro chama a atenção de seus leitores originais em 1 Pedro 1.18 com a palavra *sabendo*. É como se ele dissesse: “Vocês sabem disso.” Essa era uma fórmula grega comum usada para apresentar um fato conhecido.¹ Se estivesse escrevendo em nossos dias, Pedro diria: “Agora, eu sei que já sabem disso, mas quero lembrar a vocês disso para o seu próprio benefício e encorajamento.”

O Puritano Robert Leighton escreveu um comentário em 1 Pedro no século 17. Ele parafraseou essas palavras de Pedro da seguinte maneira: “Vocês sabem disso, mas quero que saibam ainda melhor, mais profundamente e mais pessoalmente. Tragam isso sempre à memória, estudem e meditem no assunto com mais frequência. Ele é tão profundo que jamais compreenderão; é tão útil que dele sempre se beneficiarão.”²

E quais são, exatamente, essas verdades profundas e benéficas? Vamos observar as quatro maneiras de contemplar o nosso Senhor.

1. A primeira forma é enxergar nosso Senhor como nosso Libertador.

Vamos voltar para o verso 17 que já estudamos em um encontro anterior e ler até o 18:

Ora, se invocais como Pai aquele que, sem aceção de pessoas, julga segundo as obras de cada um, portai-vos com temor durante o tempo da vossa peregrinação, sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram.

Em outras palavras, enquanto reverenciamos o Senhor com temor e tremor santos à luz do futuro Bema de Cristo onde seremos recompensados, devemos sempre nos lembrar que fomos **resgatados**. O verbo traduzido como **resgatados** era usado na época de Pedro para falar do resgate de prisioneiros de guerra ou do ato de pagar o preço para libertar escravos.³

Mas Pedro deixa bem claro que não fomos libertados **mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro**. Essas coisas não serão suficientes. Até mesmo todo o dinheiro do mundo será insuficiente para comprar uma pessoa da escravidão espiritual ao pecado e à morte. Ouro e prata são como ferro velho quando comparados ao preço de uma alma humana eterna.⁴ Será necessário algo muito mais valioso do que ouro e prata para arrebentar as correntes, abrir a porta da prisão e redimir o pecador das trevas para a maravilhosa luz de Cristo.⁵

Agora, nossa tendência é pensar que ouro e prata são imperecíveis. Uma prova disso é que passamos ouro e prata de uma geração a outra. Pedro, todavia, não avalia nossa redenção com base no valor de mercado no decorrer de 60, 70 ou 80 anos. Ele avalia nossa redenção à luz da eternidade.⁶ À luz da eternidade, ouro e prata são insignificantes. Na verdade, ouro será tão comum que Deus o usará para calçar as ruas celestiais. A implicação é a

seguinte: não viva para algo, não sonhe ou busque algo que você pisará um dia.

Agora, se invertermos as palavras de Pedro e transformá-las numa declaração positiva, entendemos que o crente foi resgatado por algo incorruptível e redimido de esforços fúteis. Note a última parte do verso 18: ***que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram.***

O termo **fútil** se refere a atitudes, compromissos e alvos sem valor. Pedro diz: “Você herdou todas aquelas tentativas vazias e vãs. Contudo, nenhuma delas efetuará redenção e proverá perdão.”

O apóstolo Paulo descreveu o descrente em Romanos 1.21 da seguinte maneira:

porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato.

Em Efésios 4.17, ele encorajou os crentes, dizendo: ***não mais andeis como também andam os gentios, na vaidade dos seus próprios pensamentos.*** Em outras palavras, a raça humana descrente gasta toda sua energia e fervor correndo atrás de objetivos vazios e insignificantes que não têm valor algum quando comparados ao destino eterno.

Jesus Cristo disse:

Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma? (Mateus 16.26).

Ou seja, a vida importa na terra só quando a vida eterna é resolvida em Cristo. Não corra atrás de uma vida vazia sem Cristo.

Antes de deixarmos esse verso para trás, permita-me lançar o seguinte desafio: pai, mãe, avô ou avó—que tipo de herança você está transmitindo aos seus filhos ou netos? O que eles herdarão de você? Ouro e prata? Não há nada de errado com isso; você pode até me colocar em seu testamento! Mas é só isso, nada mais? O que você está repassando para a geração seguinte? Será que sua prioridade tem sido comunicar, tanto por palavras como por atitudes, a verdade do evangelho?

- Eles sabem que Jesus Cristo importa para você?
- Eles sabem que a Bíblia é realmente importante na sua vida?
- Será que eles já notaram que a aprovação de Deus importa mais do que a aprovação de homens?

Infelizmente, muitos pais dentro da igreja parecem se preocupar mais em criar um padrão de vida mais elevado ao invés de criar seus filhos para que conheçam a Deus, pensem biblicamente e vivam sabiamente. Então, o que é o mais importante—boas notas, boa faculdade, bom emprego, boa carreira profissional, bom carro, casa boa, saúde boa e uma conta poupança boa? Não me entenda errado. Essas coisas são boas, mas sem Jesus Cristo, elas são uma herança fútil, vazia e temporária. Conforme li certa vez, você está ensinando seus filhos a subir uma escada que está encostada na parede errada.

Na semana passada, um jornal de Londres anunciou que daria um prêmio para o indivíduo que saísse com a melhor definição de dinheiro. A definição vencedora foi a seguinte: “Dinheiro é o passaporte universal para qualquer lugar exceto o céu, e o provedor universal de tudo menos alegria.”⁷⁷

Você já foi liberado desse fútil procedimento? Você conhece Jesus Cristo como seu libertador?

2. Pedro continua a nos revelar Jesus Cristo. Devemos enxergá-lo não somente como nosso Libertador, mas também como nosso Substituto.

Leia comigo os versos 18–19:

sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo.

Nós fomos redimidos e o pagamento não foi efetuado com ouro ou prata—foi com sangue! Mas por que sangue? Simplesmente porque, desde o princípio, Deus registrou por meio de Moisés:

Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma, porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida (Levítico 17.11).

O sistema sacrificial inteiro, o qual começou do lado de fora do Jardim do Éden após a queda de Adão e Eva no pecado no princípio da história humana e história de redenção, era baseado no derramamento de sangue de um animal inocente para a expiação da culpa e do pecado.

Perceba que Pedro escreve que o sangue foi *como de cordeiro sem defeito e sem mácula*. Ou seja, o sacrifício último e final pelo pecado foi o sacrifício de Jesus Cristo. Seu sangue *precioso*—ou seja, de alto valor—foi derramado pela nossa expiação.

Pedro se refere a duas passagens bíblicas aqui. A primeira é Êxodo 12, onde lemos sobre a

libertação dos israelitas da escravidão no Egito. Na ocasião, o povo foi instruído a imolar um cordeiro e a passar parte do sangue nos umbrais e verga da porta de suas casas. Os que assim fizeram foram redimidos, resgatados, poupados do anjo da morte que julgou a terra naquela noite e matou os primogênitos dos egípcios.

A segunda passagem é Isaías 53, que contém a profecia messiânica do Servo sofredor, o qual caminha para a morte como um cordeiro em silêncio e cujos sofrimentos e morte trazem salvação.

Com esse pano de fundo profético, imagine apenas a significância tremenda do profeta João Batista, o qual vê Jesus se aproximando e exclama: ***Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!*** (João 1.29). E Pedro adiciona que ele era verdadeiramente ***sem defeito e sem mácula***. Ele era perfeito por dentro e por fora e tal perfeição o qualificava para ser nosso sacrifício final e completo.

Jesus Cristo é o nosso substituto perfeito, morrendo em nosso lugar e pagando a penalidade pelas nossas transgressões, coisas que jamais poderíamos fazer porque não somos sem defeito e sem mácula. Mas ele é! Jesus morreu uma morte que nós não poderíamos morrer a fim de pagar uma dívida que jamais poderíamos pagar.⁸ Ele derramou seu próprio precioso sangue.

A propósito, permita-me conectar dois versos que o prepararão para a próxima vez que alguém bater à sua porta, querendo apresentar um Deus que nega a igualdade entre Jesus Cristo e Deus—o Deus Filho e Deus o Pai. Sugiro que você escreva na margem da sua Bíblia a referência Atos 20.28. Preste atenção ao que Paulo diz enquanto se despede dos líderes da igreja de Éfeso:

Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue.

Falar do sangue de Cristo é sinônimo de falar do sangue de Deus. Foi Deus o Filho quem assumiu corpo físico e sangue para que morresse fisicamente e derramasse sangue. No entanto, ele, igualmente e eternamente divino, é digno de ser chamado *Deus*.

O derramar do sangue de Jesus foi o derramar do sangue de Deus o Filho. Além disso, o sacrifício não foi realizado somente por Deus o Filho; Deus Espírito e Deus o Pai também estiveram envolvidos. Perceba como Pedro insere um comentário no começo do verso 20: ***conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo.***

Em outras palavras, assim como Deus escolheu os redimidos na eternidade passada (1 Pedro 1.2), isto é, os ***eleitos segundo a presciência de Deus***, aqui também no verso 20 a morte de Cristo na cruz foi segundo a presciência de Deus; ela foi parte do plano de nosso Deus Triúno desde a eternidade passada. Ou seja, a crucificação não foi plano B; ela não foi um “jeitinho” que Deus deu de última hora.⁹ O que significa que ela não foi apenas prevista pelo Deus Triúno, mas foi orquestrada.¹⁰

Na ocasião que marcou o nascimento da igreja no Dia de Pentecostes, Pedro lembrou a milhares de ouvintes de que, embora homens perversos e a nação de Israel tenham rejeitado o Cristo e o crucificado, no fundo, Deus estava por trás de tudo o que transparecia. Cristo foi ***entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus*** (Atos 2.23).

Vamos ainda um pouco mais fundo. Pensamos que tudo começou com a criação. Primeiramente e acima de tudo, enxergamos Deus como Criador e,

em seguida, devido à queda do homem no pecado, pensamos em Deus como nosso Redentor.¹¹

Mas não. Antes de você nascer, ou melhor, antes da criação dos mundos, Jesus Cristo já havia decidido morrer por você. Tornar-se seu substituto não foi plano B; sempre foi plano A. Sua morte não foi um acidente, mas um compromisso marcado.¹²

As pessoas perguntam: “Se Deus sabia do problema que Satanás causaria, então por que o criou?” Permita-me responder essa pergunta com ainda outra mais fundamental: “Por que Deus nos criou, se ele já sabia dos pecados e problemas que causaríamos? Afinal, a fim de nos redimir, seu Filho teria que morrer.”

Essa é a maior de todas as perguntas. Cristo não tinha que morrer, nem por Satanás, nem pelos anjos caídos, nem pelos seres humanos pecadores. Entretanto, ele planejou morrer pela humanidade na eternidade passada.

Em seu comentário nesse texto, John MacArthur adiciona as palavras de Thomas Watson, outro grande pregador e escritor Puritano. Watson escreveu: “Grandiosa foi a obra de criação, porém mais grandiosa ainda a obra de redenção. Custou mais para nos redimir do que para nos criar. Em um houve somente o ato de falar uma Palavra; no outro, houve derramamento de sangue.”¹³

3. Pedro nos faz enxergar Jesus como nosso Libertador, Substituto e, em terceiro lugar, como nosso Salvador.

Acompanhe os versos 20–21:

porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós que, por meio dele, tendes fé em Deus, o qual o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória, de sorte que a vossa fé e esperança estejam em Deus.

A construção ***manifestado no fim dos tempos*** pode ser entendida como “tornou-se visível”. Ela indica o momento na história quando Deus o Filho apareceu na terra na forma de um bebê.¹⁴ A expressão ***no fim dos tempos*** se refere ao período de tempo delimitado por um lado pela primeira vinda de Cristo e, por outro lado, pela sua segunda vinda.

Paulo chama esse bloco de tempo de ***últimos dias*** (2 Timóteo 3.1), assim como o autor de Hebreus (Hebreus 1.2). Já o apóstolo João fala desse período como ***a última hora*** (1 João 2.18).

Imagine só! No plano e providência de Deus, você e eu vivemos nos dias finais da história humana; nos últimos dias, na última hora. E se o apóstolo João pensava ser a última hora dois mil anos atrás, imagine quantos minutos nos faltam hoje?

Perceba a forma como o evangelho se torna algo pessoal em Cristo: ele morreu ***por amor de vós***. Lembre-se de que não é suficiente acreditar que Jesus morreu na cruz e que ele é o Filho de Deus. O diabo também acredita nisso! Ele estava lá e viu tudo acontecendo. Todavia, ele jamais dirá: “Cristo fez isso por mim.” A grande pergunta, então, é: Será que Jesus é o seu Libertador, Substituto e Salvador?

Como parte do processo de membresia em nossa igreja, candidatos fazem um curso e se reúnem comigo. Recentemente, eu me reuni com um casal e a esposa relatou sobre o momento em que nasceu de novo, quando entendeu aquilo que ouvira a vida inteira. Ela contou sobre a vez quando um homem estava pregando e pediu que todos abrissem suas Bíblias em João 3.16. Ele disse: “Uma coisa é crer que Deus enviou seu Filho para morrer pelos pecados do mundo. Mas o que eu quero que você faça é escrever seu nome ao lado desse verso.”

Pedro teria aprovado isso.

Será que você consegue inserir seu nome em João 3.16? A questão não é que **Deus amou ao mundo de tal maneira**. A questão é que Deus amou a Maria, o Antônio, etc. Trata-se da oferta incrível e pessoal do evangelho a pecadores perdidos, a qual precisa ser apropriada de forma pessoal pela fé na graça de Deus.

Paulo escreveu o seu próprio testemunho da seguinte forma:

logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim (Gálatas 2.20).

Jesus Cristo precisa se tornar o seu Salvador pessoal.

4. Por fim, em quarto lugar, Pedro nos leva a enxergar Cristo como o nosso Vencedor.

Lemos na segunda parte do verso 21:

...o qual o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória, de sorte que a vossa fé e esperança estejam em Deus.

A ressurreição de Cristo é o ponto de exclamação na obra de redenção. Ele obteve sucesso; ele é vencedor! Paulo escreve que, em Cristo, somos mais do que vencedores. Conforme Pedro escreve aqui, Deus concedeu **glória** a Cristo.

Como resultado da vitória de Cristo e da obra de redenção finalizada, Pedro diz: ***de sorte que a vossa fé e esperança estejam em Deus***. Nossa fé e esperança não estão em nossa capacidade e esforço, nem em como nos sentimos. Nossa fé não é em nossa fé; nossa esperança não está em nosso próprio êxito. Afinal:

- não podemos comprar nossa própria liberdade da escravidão;
- não há nada em nossos esforços fúteis digno de oferecermos em troca de nossa redenção;
- não há nada que podemos fazer ou dizer que purificará nosso nome de família. Nossos crimes são hediondos e os pecados mui numerosos.

A não ser que alguém assuma nosso lugar, tome sobre si nossos crimes, pague por eles e depois saia triunfante. Jesus Cristo, nosso Libertador, Substituto, Salvador e Vencedor, veio limpar nosso nome e nos deu a oportunidade de viver uma vida para a sua glória. Como? Por meio de fé e confiança pessoal no sangue de Jesus Cristo.

Conclusão

Ravi Zacharias conta que, em 26 de novembro de 2008, uma gangue de terroristas atacou o famoso Palácio Taj Mahal em Mumbai, Índia. Depois de a carnificina ter matado 200 pessoas, um repórter entrevistou um turista que jantava no hotel na noite do ataque.

Esse turista conta que ele e seus amigos ouviram sons de tiro enquanto jantavam. Alguém o agarrou e o jogou debaixo da mesa. Os terroristas passaram pelo restaurante, atirando para todos os lados, até que mataram todos—ou pelo menos assim acharam.

Milagrosamente, esse homem sobreviveu. Quando perguntado como tinha conseguido sobreviver enquanto todas as demais pessoas tinham morrido, o turista respondeu: “Acho que estava coberto com o sangue de alguém e eles pensaram que eu estava morto.”

Ravi escreve: “Essa é uma metáfora perfeita do presente de Deus por meio de Jesus Cristo a cada um de nós. Porque ele pagou a penalidade de nosso

pecado—porque estamos cobertos com o sangue de seu sacrifício—, podemos ter vida eterna.”¹⁵

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 04/12/2016

© Copyright 2016 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

¹ D. Edmond Hiebert, *1 Peter* (BMH Books, 1984), 100.

² Robert Leighton e Griffith Thomas, *The Crossway Classic Commentaries: 1 and 2 Peter* (Crossway, 1999), 65.

³ Hiebert, 101.

⁴ Charles R. Swindoll, *Insights on James and 1 and 2 Peter* (Zondervan, 2010), 159.

⁵ Adaptado de *ibid.*

⁶ Adaptado de Paul A. Cedar, *The Preacher's Commentary: James/1 and 2 Peter and 2 Peter/Jude* (Thomas Nelson, 1984), 126.

⁷ J. Allen Blair, *Living Peacefully: 1 Peter* (Kregel, 1959), 79.

⁸ Derek Cleave, *Focus on the Bible: 1 Peter* (Christian Focus, 1999), 43.

⁹ *The Expositor's Bible Commentary*, Vol. 13 (Zondervan, 2005), 310; John MacArthur, *1 Peter* (Moody, 2004), 82.

¹⁰ Adaptado de Blair, 81.

¹¹ William Barclay, *The Letters of James and Peter* (Westminster Press, 1976), 185.

¹² Warren W. Wiersbe, *Be Hopeful: First Peter* (David C. Cook, 1982), 51.

¹³ MacArthur, 71.

¹⁴ Hiebert, 104.

¹⁵ Ravi Zacharias, *Has Christianity Failed You?* (Zondervan, 2010), 42.